

Editorial

Aceno, 9 (21), set./dez. 2022

A terceira edição de 2022 da *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste* está no ar. E chegamos com uma boa notícia: a Aceno conquistou uma nova classificação no Qualis Capes Periódicos, com o **estrato A2**, resultado de quase 10 anos de um trabalho sério e dedicado à divulgação da antropologia brasileira. Agradecemos a todos que contribuíram nestas 21 edições, pois sem a confiança de cada autor não teríamos chegado aqui.

Nesta edição, temos a publicação do dossiê temático *Educação, políticas públicas, processos formativos e direito à diferença*, organizado pelos pesquisadores e professores Pablo Cardozo Rocon, Alexsandro Rodrigues e Marcio Caetano. Com trabalhos importantes oriundos de diferentes regiões do país, o dossiê traz as brechas por onde passam diferentes formas de resistência aos regimes de poder-saber que constituem os campos da educação e da saúde. Nas palavras dos organizadores:

dossiê tomamos os campos da Saúde e Educação numa perspectiva ampliada e implicada com os processos formativos tramados pelas invenções, criações, resistências e negociações daqueles/as praticantes que não desistem da vida diante das forças que buscam silenciá-lo/a, enfraquecê-lo/a e/ou exterminá-lo/a. Compreendemos que os processos formativos, como suas tecnologias políticas, afirmam modos de existir e intencionam definir/fabricar corpos e vidas que importam.

A seção de *Artigos Livres* conta com quatro trabalhos com importantes pesquisas nas áreas de saúde indígena, cinema, história da antropologia e teoria antropológica.

Começamos com *Semiótica: a narratividade como dimensão orgânica do cinema*, de Filipe Artur Sousa Queiroz, um ensaio sobre a semiótica a

partir dos filmes de Quentin Tarantino. Já (*Dis)continuidad ritualística terapéutica en la migración warao en el norte de Brasil*, de Karla Pamela Reveles Martínez, é um importante ensaio de saúde indígena, a partir das experiências da sociedade Warao, em contexto migratório na Amazônia brasileira.

Em *O surgimento de uma antropologia meridional: a criação do Instituto de Antropologia em Santa Catarina*, de Amurabi Oliveira, temos um pouco da história de uma das mais importantes escolas de antropologia do país, sediada na UFSC, em seus primórdios, entre as décadas de 1950 e 1970. Por fim, temos a contribuição de dois pesquisadores moçambicanos, Itelio Muchisse, Armindo Armando, com o artigo *A definição de ser humano: contexto e perspectiva*, que discutem o conceito de humano e humanidade a partir da perspectiva africana.

Finalizando, temos na seção *Ensaios Fotográficos*, o trabalho *Cultura alimentar da comunidade quilombola de Itacuruçá como ato de resistência*, de Monique Teresa Amoras do Nascimento e Nádile Juliane Costa de Castro, com belas imagens dessa comunidade quilombola paraense que já foi retratada nesta mesma seção, em nossa edição anterior.

A Aceno se sente honrada por contribuir no fortalecimento da Antropologia brasileira e agradece a todos os colaboradores que fazem parte deste número e de todos que contribuíram com nosso trabalho neste ano de 2022.

Esperamos que 2023 seja o início de um novo tempo de respeito e incentivo à ciência brasileira e que a Aceno possa continuar contribuindo com parcerias valiosas como as que ocuparam nossas páginas.

Boa leitura!

Os Editores